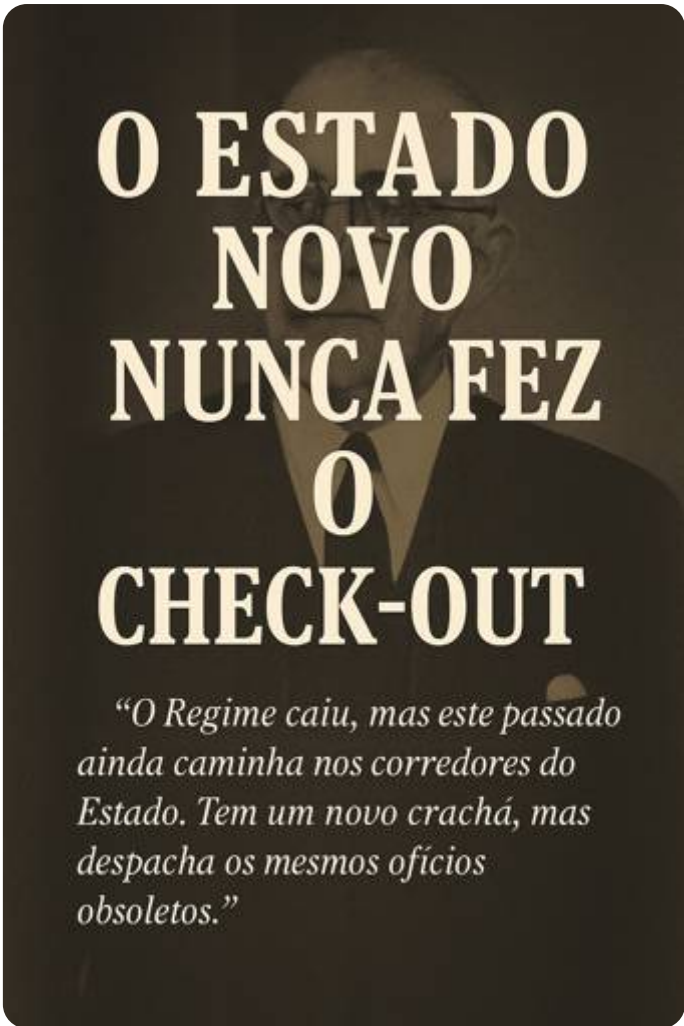




O Estado Novo Nunca Fez o Check-Out

Publicado em 2025-05-15 14:55:04



**O ESTADO
NOVO
NUNCA FEZ
O
CHECK-OUT**

*“O Regime caiu, mas este passado
ainda caminha nos corredores do
Estado. Tem um novo crachá, mas
despacha os mesmos ofícios
obsoletos.”*

Caiu a ditadura, mas não caíram os alicerces. Portugal acordou em democracia no dia 25 de Abril de 1974, mas deixou as janelas e portas do velho regime escancaradas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

inteiras. Mas nas repartições de finanças, nos tribunais, nas câmaras municipais e nas direções-gerais, ainda ecoa o mesmo tom monocórdico, a mesma exigência de carimbos, o mesmo medo de decidir — heranças diretas de uma administração pública desenhada para obedecer, nunca para pensar.

A função pública, grande bastião da continuidade salazarista, permanece um santuário de estabilidade sem inovação. Meritocracia é uma palavra decorativa nos regulamentos. A antiguidade ainda reina como critério sagrado. A iniciativa é suspeita. A criatividade, um risco a evitar. E o cidadão? Um intruso a controlar, e não um contribuinte a servir.

A justiça, essa dama cansada, arrasta-se entre prazos dilatados e um formalismo que beira o absurdo. Códigos processuais redigidos em estilo de missa solene. Magistrados protegidos por um corporativismo de toga. E os pobres — sempre os pobres — à espera que o Estado lhes conceda atenção depois de anos de recurso e contrarrazões.

O sistema fiscal, por sua vez, parece ter sido desenhado por um contabilista do século XIX com fobia a simplificações. Tudo é excesso. Excesso de papéis, de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal democratizou-se pela superfície. E é verdade que já ninguém é preso por delito de opinião, que já se pode votar livremente, que há debates na televisão e jornais com capas ousadas. Mas por baixo dessa fina camada democrática, o organismo do Estado mantém os reflexos do salazarismo entranhado: a desconfiança do cidadão, o culto da hierarquia, o receio da mudança e a alergia ao mérito.

O Estado Novo nunca fez o check-out. Apenas passou a vestir fatos democráticos, com crachás novos e discursos modernos. Mas no fundo, continua a decidir em silêncio, a barrar por formulário, a punir por descuido, a proteger os seus — e a olhar o povo como um número que convém não incomodar.

Se Abril foi uma alvorada, falta ainda a limpeza dos corredores.

O futuro não chegará enquanto o presente continuar a ser gerido por fantasmas do passado.

E talvez seja tempo de lhes entregar, de vez, a chave do quarto. E exigir-lhes que saiam.

Artigo de Francisco Gonçalves